



## **“ANTES MUERTE QUE ESCLAVO VIVIR”: O ESCRAVISMO COMO METÁFORA POLÍTICA**

Murillo Dias Winter<sup>1</sup>

**Resumo:** O período histórico iniciado com a dissolução dos laços coloniais e as consequentes revoluções de independências no continente americano foi de transformação das estruturas de poder e do surgimento de novas formas de administração estatal e identificação local. Na Banda Oriental, ponto de interseção entre os antigos domínios portugueses e espanhóis na América, a situação transformou-se a partir da efetivação da dominação lusitana e posteriormente brasileira na região com a criação da Província Cisplatina (1821-1828), processo que gerou novas preocupações e discussões sobre o futuro da região. Uma das principais maneiras de averiguar estes debates e acompanhar as construções e projeções dos variados grupos locais nos embates na Província Cisplatina é através da imprensa periódica. Uma das preocupações dos periodistas era justamente se diferenciar dos dominadores brasileiros. Para tanto, o escravismo e o regime monárquico brasileiro eram utilizados para diferenciar locais e estrangeiros, corroborar o discurso independentista da Província Cisplatina frente ao Brasil e pautar a política de D. Pedro em relação aos seus súditos e ao restante do continente. A proposta dessa comunicação é analisar as peculiaridades desse discurso e as maneiras que o escravismo foi utilizado como recurso retórico na construção de uma identidade antibrasileira e republicana.

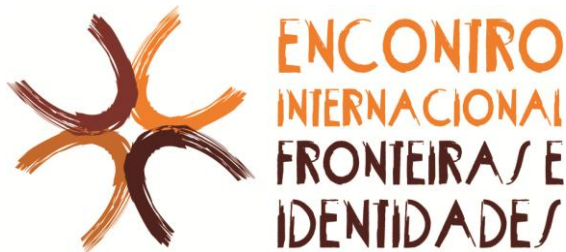
### **Os periódicos da província Cisplatina (1821-1828)**

No ano de 1821, através do Congresso Cisplatino, é oficializada a dominação portuguesa na Província Cisplatina. Região sem limites territoriais precisos e que durante o período colonial, sob a nomenclatura de Banda Oriental do rio Uruguai<sup>2</sup>, espaço de fronteira

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [murillodiaswinter@hotmail.com](mailto:murillodiaswinter@hotmail.com)

<sup>2</sup>Sobre as fronteiras e a nomenclatura da região, Ana Frega escreve: La región al este del río Uruguay era una zona frontera, de tránsito y de tráfico, un ámbito transcultural cuyas denominaciones contemplaban un espacio geográfico dispar y no siempre coincidente. Algunas aludían al nombre con que se conocía algún grupo étnico, “Banda de los Charrúas”, por ejemplo. Otras consideraban una referencia geográfica vinculada con los centros de poder desde donde se realizaba la nominación. De esta manera, designaciones como “Banda Norte”, “Banda Oriental” o simplemente, la “otra Banda” tenían como punto de referencia el Río de la Plata en una expresión de la influencia e intereses provenientes del centro político de Buenos Aires. Otras denominaciones como “Provincia del Uruguay” o “Doctrinas del Uruguay” aparecían en la cartografía de la época y en informes, cartas y memorias de miembros de la Compañía de Jesús, responsables de la fundación – en varias etapas a lo largo del siglo XVII – de pueblos misioneros en ambas riberas del alto Uruguay, en permanente tensión con las avanzas lusitanas. FREGA, Ana. Uruguayos y orientales: itinerario de una síntesis compleja. In: CHIARAMONTE, José Carlos. GRANADOS, Aimer. MARICHAL, Carlos. (compiladores). *Crear la nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: sudamericana, 2008. p.96-97.



entre os domínios lusitanos e espanhóis, possuía como demarcações geográficas o rio da Prata, o rio Paraná ou o próprio rio Uruguai.<sup>3</sup> As balizas temporais de ocupação lusitana e posteriormente brasileira desse espaço são determinados os anos de 1821, data do Congresso Cisplatino que determina a anexação oficial da região ao Reino de Brasil, Portugal e Algarves, e o ano de 1828, que marca o final do Guerra da Cisplatina (1825-1828), conflito armado travado entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata pela posse da região, através da Convenção Preliminar de Paz que tem como principal resolução a criação da República Oriental do Uruguai.

Não obstante a promessa lusitana de pacificação e progresso da região, o período (1821-1828) foi marcado por conflitos e incertezas quanto ao futuro da Província. Dentre as principais dúvidas dos habitantes locais e das lideranças políticas estava o processo de independência do Brasil, que modificou as estruturas locais de poder. Afinal, se a Província Cisplatina fora criada em 1821 por iniciativa portuguesa, o que ocorreria com o Brasil deixando de fazer parte do reino lusitano? Deveriam as lideranças da região seguir D. Pedro ou permanecer fiéis a D. João VI? Com as dissidências entre as próprias tropas portuguesas e com os movimentos de libertação da Província Cisplatina liderados pelo cabildo de Montevideu, o futuro incerto da região era a principal pauta dos debates e a diferenciação entre os locais e os tidos como invasores crescente.

Uma das principais maneiras de averiguar estes debates e acompanhar as construções e projeções dos variados grupos locais nos embates na Província Cisplatina é através da imprensa em crescimento vertiginoso da região após a liberdade de imprensa promovida pelas cortes de Lisboa. De números efêmeros na primeira década revolucionária, os periódicos alcançaram a marca de mais de uma dezena em circulação, sobretudo na capital Montevideu, durante os anos de ocupação primeiro lusitana e posteriormente brasileira. passaram a ser cogitadas e projetadas na região. Em um contexto de fluidez das identidades, de pluralidade de alternativas políticas em jogo e de ausência de rígidos recortes nacionais ou, ao menos, formas estritas de identificação nacionalista<sup>4</sup>, a imprensa constitui-se em importante fonte

---

<sup>3</sup>ISLAS, Ariadna. Límites para un Estado. Notas controversiales sobre las lecturas nacionalistas de la Convención Preliminar de Paz de 1828. In: FREGA, Ana (coordinadora). *Historia Regional e Independencia del Uruguay. Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011. p.174-197.

<sup>4</sup>Valho-me, sobretudo, da definição de José Carlos Chiaramonte. O historiador afirma que no período imediato às independências na região platina coexistiam três identidades políticas: hispano-americana, rio-platense ou



histórica para identificar os diversos grupos e posturas políticas do período. Os próprios títulos das publicações demonstram a variedade de posições e interesses da imprensa cisplatina. Os primeiros periódicos evidenciam os interesses na legitimação da ocupação por Portugal e a utilização de termos que os identifiquem como grupo coeso, como *O Pacífico Oriental de Montevideo*, *O Expositor Cis-platino ou Eschólio da veracidade e El Patriota*. A posição ilustrada e a tentativa de inserir debates mais isentos ou comerciais, embora os redatores tenham posições políticas bastante claras, também era recorrente: *El Ciudadano*, *Semanário Político*, *La Verdad desnuda*, *Doña Maria Retazos*, *El publicista mercantil de Montevideo*, *Los Amigos del Pueblo*, *Gazeta de Montevideo*. Posturas totalmente contrárias à ocupação luso-brasileira também tinham espaço na imprensa, embora estes grupos não compartilhassem das mesmas ideias, como *El Pampero*, *El Aguacero*, *La Aurora* e *El Febo Argentino*. Ainda cabe lembrar que as atitudes e os argumentos apresentados variavam conforme os interesses e o avanço e retrocesso dos acontecimentos no Rio de Janeiro, Buenos Aires e Lisboa.<sup>5</sup>

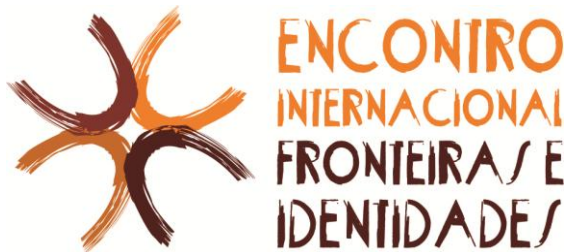
### **A linguagem, a escravidão e as metáforas**

São variados os textos em que o escravismo e o crescente número de cativos presentes na Província Cisplatina são condenados. No início do ano de 1822, quando os rumores quanto à independência do Brasil passaram a ser debatidos nas páginas da imprensa periódica

---

argentina e provincial. Não existiam garantias de que quaisquer destes elementos de identificação coletiva tivessem o projeto vencedor. CHIARAMONTE, José Carlos. *Formas de identidad en el Rio de la Plata luego de 1810*. In: Boletín del instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. E. Ravignani”. Tercera serie, num.1, 1º semestre de 1989. No tocante à América portuguesa, essa posição de provisoriedade também é reafirmada “na coexistência não apenas de idéias relativas ao *Estado*, mas também à *nação* e às correspondentes identidades políticas coletivas, eventualmente reveladoras de tendências à harmonização entre si ou, quando não, expressando irredutibilidades portadoras de alto potencial de conflito”. JANCSÓ, I. e PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico , (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Ed. SENAC, 2001. p. 136.

5Ver: GONZÁLEZ, Wilson Demuro. *Prensa periódica y circulación de ideas en la Provincia Oriental, entre el final de la dominación española y la independencia (1814-1825)*. Tesis en Maestría en Historia rioplatense. Universidad de la República, FHCE: Montevideo, 2013; ; PIMENTA, João Paulo. Nas origens da imprensa luso-brasileira: o periodismo da Província Cisplatina (1821-1822). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das, MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP & A: FAPERJ, 2006. WINTER, Murillo Dias. “un periódico que no hable de política al presente, es lo mismo que un fusil sin cañon.”: Imprensa periódica e a construção da identidade Oriental (Província Cisplatina - 1821-1828). Dissertação de mestrado em História. Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2014.



cisplatina, o *Pacífico Oriental de Montevideo*, periódico declaradamente favorável à ocupação portuguesa, publicou um artigo que alertava quanto aos perigos da escravidão para a sociedade, os riscos de revolta, a exemplo do que havia ocorrido em Santo Domingo, e estabelecia uma comparação entre a utilização do trabalho compulsório de indígenas, que auxiliaram os *criollos* nas batalhas pela independência do Peru, e africanos, presentes em grande número em toda sociedade luso-americana portanto oferecendo riscos para a população. Em polêmica com o *Argos* de Buenos Aires

el pacífico oriental no quiere ni de (y aborrece al que esto quiera), levantar obra mala, lejos de eso apetece edificar un sólido y suntuoso edificio por medio de la union del Brasil con Portugal! porque conoce que no son lo mismo los africanos, que los indios para trabajar por la libertad civil. de aquel modo pues se evitan esos. horrores que amenazan á tan basto como rico territorio. por lo mismo desea fuera de la union todas las causas que puedan falsificar sus justos temores , y quisiera verlas realizadas ya. Usted debe saber muy bien que los indios en Perú han suplido la falta de las grandes máquinas para levantar y conducir enormes y pesadas masas á toda distancia, sin mas sueldo que el de su íntimo desco por la Libertad: que despues de la desgraciada jornada de Vilcapueyo de que hablaremos mas estensamente se desnudaron de los mas necesario para su subsistencia. por enriquecer al egército reunido en Marcha, y que en Ayoma concurrieron poderosamente á la salvación del general y de muchos oficiales los indios y los cochabambinos; esto es lo que jamas han de hacer los negros porque la experiencia acredita constantemente sus incitaciones, y por eso es que tememos males para El Brasil.<sup>6</sup>

Além dos riscos de rebeliões e ataques à população que uma sociedade escravista sofre constantemente, como alertado nas páginas do *Pacífico Oriental de Montevideo*, e do atraso político e social da manutenção da escravidão pelos aristocratas brasileiros como propagado nos textos de Antonio Díaz no periódico *La Aurora*, a crítica à violência e o caráter desumano da escravidão também estava presentes nos periódicos cisplatinos. Manuel Torres, proprietário e redator do jornal *El Patriota*, um dos mais comedidos articulistas do período, condena a presença dos cativos em Montevideú e a forma que são tratados, uma prática tomada como comum e habitual pelos portugueses e que seria, na sua avaliação, mantida pelo Império do Brasil:

Ignoramos hasta que tiempo se extienden las facultades del gobierno portugues para extraer africanos: sin embargo no

---

<sup>6</sup>*Pacífico Oriental de Montevideú*. Montevideú, nº11, 02 de março de 1822.



podremos negar que se ha conmovido nuestra sensibilidad, al ver á las puertas de algunas casas y almacenes de esta ciudad bastante número de aquellos desgraciados, en calidad de fardos de venta, con solo sola la diferencia de hallarse sentados como hombres.<sup>7</sup>

Seguindo esta mesma linha argumentativa, Lucas José Obes, integrante do “Clube do Barão” e figura fundamental tanto na incorporação da Banda Oriental em 1821 quanto na adesão da Província Cisplatina à independência do Brasil no ano seguinte, advoga em defesa de duas escravas, Mariquilla e Encarnación, que assassinaram sua proprietária, Celedonia Wich, uma rica viúva, em Montevideu. O advogado inicia suas alegações questionando um povo e um local “donde el color de las personas passa por signo de esclavitud o libertad, donde las amas creen que el siervo es una bestia de carga, y las leyes no lo desmienten.” As arguições seguem discorrendo sobre as origens da escravidão, as diferenças entre a prática na antiguidade e naquele momento, e defendem os cativos, afinal “los esclavos sienten, los esclavos gimen; hay padres entre ellos, hay maridos , hay amantes, hay personas de un temperamento flerte, de una alma noble, de um carácter bello, pero no servil.” Obes destaca igualmente que a atitude tomada pelas duas escravas assassinas não foi sem motivações, pois “ella [Celedonia Wich] era cruel, era bárbara para com sus esclavas... se sabra que su alimento era escasso: el vestido malo, el trabajo mucho, la opresión constante.”<sup>8</sup> Embora o objetivo de livrar Mariquilla e Encarnación da pena não tenha sido atingido - ambas foram executadas no dia 02 de abril de 1824 -, Lucas José Obes, como já apontado por João Paulo Pimenta<sup>9</sup>, produziu um ótimo texto de combate à escravidão na Província Cisplatina e demonstrou que mesmo a classe dirigente que apoiava e se aproveitava da presença do Brasil na região, condenava a escravidão e de alguma forma se afastava e diferenciava dos imperiais.

Esta justaposição entre periódicos e figuras importantes da política da Província Cisplatina que comitantemente apoiam a ocupação do Brasil e condenam o caráter escravista de sua sociedade é comum, na mesma medida que jornais que se posicionam frontalmente contra os imperiais e condenam a escravidão, tem nas suas páginas avisos de compra e venda de cativos. Um exemplo dessa postura pode ser encontrado no periódico *El Pampero* ao

---

<sup>7</sup>*El Patriota*. Montevideu, nº05, 13 de setembro de 1822.

<sup>8</sup>PINTOS, Aníbal Barrios. *Historias privadas de la esclavitud: un proceso criminal en tiempo de la Cisplatina*. In: BARRÁN, José Pedro. CAETANO, Gerardo. PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en el Uruguay. Entre la honra y el desorden 1780-1870*. Montevideu: Taurus, 1996. p.184-188.

<sup>9</sup>PIMENTA, João Paulo. O Brasil e a "experiência cisplatina" (1817-1828). In: István Jancsó. (Org.). *Independência... Op. Cit.*



anunciar a venda de uma jovem escrava aos possíveis interessados, contudo entre seus três redatores está Antonio Díaz, redator do *La Aurora* que, como já observado, dezessete dias depois vai atacar o caráter desumano da escravidão. Na seção de avisos do jornal esta o seguinte anúncio:

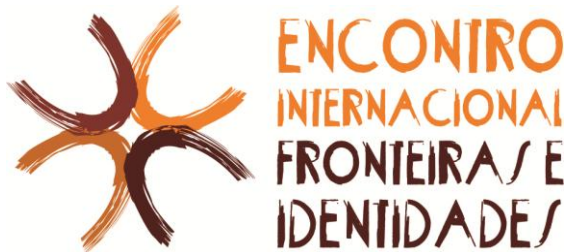
Quien quisiere comprar una negra de catorce años de edad, sin vicios, sabe lavar, planchar, y los demas servicios domesticos, se servirá hablar con el Mayor de Brigada de Caballeria de la Division de los Voluntarios Reales del Rey residente en la casa de d. Antonio Baltasar Perez en el Arroyo Seco; siendo su costo 350 pesos.<sup>10</sup>

Não obstante ao crescimento do número de cativos durante os anos de existência da Província Cisplatina, o historiador uruguaio Alex Borucki aponta que entre os anos de 1777 - a partir da criação do Vice-reino do Rio da Prata - e 1812 praticamente setenta mil escravos oriundos da África ou do Brasil desembarcaram na região platina. O porto de Montevidéu, único autorizado pela Coroa espanhola receber escravos desde 1791, foi responsável por grande parte desse contingente de cativos que posteriormente eram internados e distribuídos em toda região platina. Números significantes a ponto de alterar consideravelmente os índices demográficos da região:

The increasing number of slaves arriving in the Viceroyalty of the Río de la Plata was the most important demographic event since the Iberian colonization to this region. At least 70,000 slaves arrived in the Río de la Plata from Africa and Brazil between 1777 and 1812, which is surprising given that Buenos Aires had only 43,000 inhabitants by 1810 and Montevideo no more than 12,000 by 1803. Between 1778 and 1810, the population of Buenos Aires grew 34 percent, while the slave population increased 101 percent. In Montevideo, the total population grew 119 percent between 1791 and 1810, while the slave population increased 486 percent. In these two cities, thirty percent of the population was enslaved by 1810. The dimension of the slave trade in the viceregal period emerges if we compare it with other periods of this traffic to this region. A mere 20,000 slaves arrived in Buenos Aires in the seventeenth century, while near 40,000 slaves were brought to the Río de la Plata by the French Compagnie de Guinée (1703- 1713), the English South Sea Company (1714- 1737), the Spanish

---

<sup>10</sup>*El Pampero*. Montevidéu, nº03, 1º de janeiro de 1823.



contracts (1743- 1760) and the Portuguese of Colônia before 1777.<sup>11</sup>

O tráfico destes escravos que chegaram ao Prata era de responsabilidade principalmente de comerciantes luso-americanos. Como lembra Fabrício Prado, as relações entre os comerciantes estabelecidos na Banda Oriental, sobretudo em Montevideu, com a América portuguesa eram organizadas e estáveis, mesmo que em alguns momentos fossem realizadas na ilegalidade. Dados que demonstram apesar da crítica sobre a presença de escravos durante a vigência da ocupação do Brasil, a existência de cativos e de comerciantes de escravos oriundos do mundo lusitano não era novidade aos olhos dos *Orientais* que participavam e incentivavam tal prática desde os séculos anteriores.<sup>12</sup>

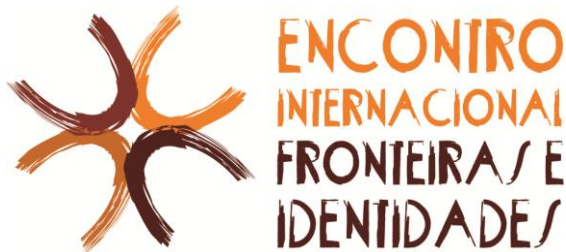
Em relação à presença de escravos na Província Cisplatina, principalmente na região norte, local das grandes estâncias de gado e de maior presença de rio-grandenses, Eduardo Palermo oferece subsídios significativos. Através da análise de dados dos censos realizados em 1822 e 1824 na região<sup>13</sup>, o historiador indica que nos distritos de Paysandú, Tacuarembó e Cerro Largo e suas respectivas jurisdições, em termos de porcentagem do número de cativos em relação aos homens e mulheres livres as proporções são as maiores da Província Cisplatina, com as cifras alcançando os 31%, chegando a taxa de 75% das estâncias possuírem ao menos um trabalhador escravo, em sua maioria de propriedade de luso-americanos e posteriormente brasileiros. Na cidade de Montevideu, os números deveriam superar estas taxas, pois era o porto de entrada de novos escravos, contudo os censos não contabilizam a população flutuante, caso da capital, e sim os habitantes registrados, a exemplo da região fronteiriça. Estabelecendo uma relação com a província mais próxima e que tinha intensa movimentação nas fronteiras, Eduardo Palermo afirma que “en la década de 1820, los

---

<sup>11</sup>BORUCKI, Alex. The Slave Trade to the Río de la Plata. Trans-imperial Networks and Atlantic Warfare, 1777-1812. In: *Colonial Latin American Review*, nº 20, vol. 1, April 2011. p. 85.

<sup>12</sup>PRADO, Fabrício. A presença luso-brasileira no Rio da Prata e o período cisplatino. In: NEUMANN, Eduardo Santos. GRIJÓ, Luiz Alberto. *O Continente em armas... Op. Cit.* p.76.

<sup>13</sup>Com objetivo de controlar a população cisplatina, principalmente em relação a polêmica com ex-donatários de terras do período artiguista foi determinado em 07 de setembro de 1821 instruções para a realização de censos em todas as jurisdições da província. Como lembra o próprio Eduardo Palermo, os dados dos censos são fragmentados e incompletos, haja vista que em poucas localidades foi possível fazer o levantamento completo e, ainda, é necessário questionar algumas das informações fornecidas pelos entrevistados: “Si bien la mayoría de los censos adolecen de serios defectos en la recolección de datos, debido a la imprecisión de quienes son encargados de recogerlos y al ocultamento de información por parte de los encuestados – existía el temor de revelar la información correcta debido a posibles cargas impositivas o para sustentar el ejército -, ellos permiten aproximarnos a una realidad bastante diferente de la que se ha proyectado al presente.” PALERMO, Eduardo. *Tierra Esclavizada. El Norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19*. Dissertação de mestrado. UPF, Passo Fundo, 2008. p.285



porcentajes de población esclavizada en el norte uruguayo y Rio Grande do Sul son similares, constituyendo la Banda Norte una verdadera prolongación socio-económica de los territorios rio-grandenses.” Posição que reafirma as reclamações de *Orientais* em relação a política de favorecimento de rio-grandenses na fronteira, a ocupação de terras e o roubo de gado da Província Cisplatina sem o controle das autoridades locais.<sup>14</sup>

Em alguns periódicos, a exemplo do *El Aguacero*, a reprovação da ocupação brasileira, conjuga todos os componentes já citados, a opressão, a monarquia, o atraso político e a escravidão, política e/ou social. Estes elementos, mais uma vez tornam o invasor o inimigo em comum que deve ser combatido, se necessário até a morte, para cumprir o destino inequívoco dos *Orientais*, a liberdade, embora não seja anunciada se parcial ou total:

Vuestros pérfidos planes tenebrosos  
Cayeron para siempre, triunfó el cielo  
Del amante del bien, y en triste duelo  
Gimen los parricidas ominosos.  
¿Qué os resta pues?.. abandonad la tierra,  
Id donde los esclavos – el Oriente  
Declara á los tiranos cruda guerra:  
Yugos, cadenas, grillos no consiente,  
Su corage á los déspotas aterra,  
Y eleva su destino INDEPENDIEMTE.<sup>15</sup>

A partir desta construção retórica, é possível apontar a escravidão e, sobretudo o escravismo, como uma importante metáfora política, utilizada pelos periodistas cisplatinos, na diferenciação entre o Brasil e os locais. O historiador espanhol Javier Fernández Sabastían, buscando colaborar com uma “Historia política e intelectual más comprensiva, en el doble sentido de más abarcadora (es decir, atenta a un abanico más amplio de realidades), y también de más próxima a la visión que los actores del pasado tenían de las cosas”<sup>16</sup>, assinala para a variedade de metáforas na linguagem política no período das revoluções atlânticas e a importância de compreendê-las para nos aproximarmos do discursos destes agentes históricos:

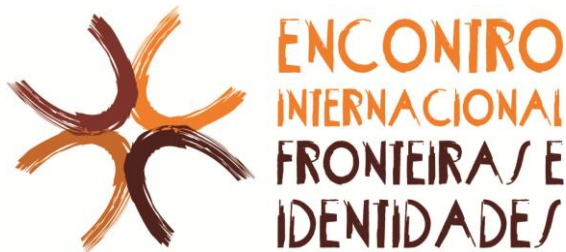
---

<sup>14</sup>PALERMO, Eduardo. *Tierra Esclavizada... Op. Cit.* p. 300.

<sup>15</sup>*El Aguacero*. Montevideú, nº02, 26 de abril de 1823.

<sup>16</sup>SEBASTÍAN, Javier Fernández. Conceptos y metáforas en la política moderna. Algunas propuestas para una nueva historia político-intelectual. *Historia cultural de la política contemporánea*, Jordi Canal y Javier Moreno Luzón, eds., Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, p. 11-30. p.11





Si aceptamos, pues, la historicidad de las metáforas y su importante función cognitiva –dada su capacidad de moldear la percepción y orientar el conocimiento y la acción–, podemos preguntarnos por qué las metáforas, lejos de difuminarse o perder importancia con la modernidad, parecen haber cobrado un especial protagonismo en el discurso político de los dos o tres últimos siglos, particularmente en los momentos de crisis y cambio acelerado.<sup>17</sup>

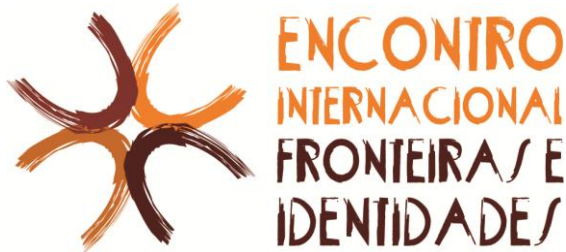
Desse modo, “basada ordinariamente en una analogía, la metáfora sería así la principal estrategia que el hombre tiene para ‘colonizar semánticamente’ lo desconocido, para intentar acceder a lo extraño y convertirlo en familiar”, o escravismo significava e era utilizando não apenas para demonstrar a prática da utilização de mão-de-obra escrava de africanos no Brasil, pretensamente diferente do que ocorria na Província Cisplatina. Também representava um regime monarquista, dividido entre súditos, escravos das vontades de D. Pedro, e o próprio imperador, proprietário e senhor de todos os habitantes do Brasil. Para os periodistas cisplatinos, a opressão e a ausência de direitos civis faziam parte de um regime escravista em um sentido amplo, se o Império do Brasil não fosse combatido e a presença estrangeira retirada da Província Cisplatina, alcançaria os *Orientais*, que teriam cativos em suas propriedades e seriam escravos de D. Pedro e do sistema de governo brasileiro. Portanto, a metáfora do escravismo estabelecia uma relação polarizada entre brasileiros e *Orientais*, súditos e cidadãos, livres e escravos, e apontava um futuro: república ou monarquia, liberdade ou opressão. Característica comum nesta ferramenta retórica, como aponta o próprio Javier Fernández Sebastáan ao afirmar que “metáforas y conceptos suelen cruzarse por medio de representaciones doblemente bipolares que combinan de mil modos la verticalidad política con la horizontalidad histórica”<sup>18</sup>, e se torna bastante claro nesta citação, já utilizada, do *Pacífico Oriental de Montevideu*:

El esclavo pertenece al déspota, y el ciudadano à la sociedad: el primero es vil instrumento de agenos, caprichos, el segundo observando sus deberes concurre à la felicidad comun; en aquel estado reina la arbitrariedad, y en éste imperan las leyes satisfaciendo el deseo general; por el despotismo vive el hombre en el abatimiento y en la miseria, es el blanco de todas las affixiones, y víctima de su indiferencia; por la libertad ejerce sus derechos, cumple con sus altos destinos, satisface los votos de la naturaleza,

---

<sup>17</sup> Idem. p.23

<sup>18</sup> Ibidem. p. 29.



viviendo con la dignidad correspondiente à su perfeccion: Los gobiernos, pues, están encargados de la religiosa observancia de tan dulces obligaciones, y los ciudadanos son los zeladores natos d aquellos; para egercer esta incomparable atribución los nuevos sistemas todos, han establecido la libertad de imprenta, invención las mas importante. cuya apología se han disputado los sabios.<sup>19</sup>

Portanto, o escravismo e a escravidão serviram como ferramenta de diferenciação entre *Orientais* e brasileiros. No processo de construção dessas diferenças, a linguagem política e a imprensa tem forte influência sobre a população da Província Cisplatina. Compreender esse fenômeno a partir da linguagem e da retórica, sobretudo da utilização de metáforas e de construções conceitos pode ser um elemento positivo para a compreensão dos atores sociais e seu discurso no processo de independência das Américas.

## Referências

### Fontes de imprensa

*Pacífico Oriental de Montevidéo*. Montevidéo (1821-1822);

*El Patriota*. Montevidéo (1822-1823);

*El Aguacero*. Montevidéo (1823);

*El Pampero*. Montevidéo (1823)

### Bibliografia

BORUCKI, Alex. The Slave Trade to the Río de la Plata. Trans-imperial Networks and Atlantic Warfare, 1777-1812. In: *Colonial Latin American Review*, nº 20, vol. 1, April 2011.

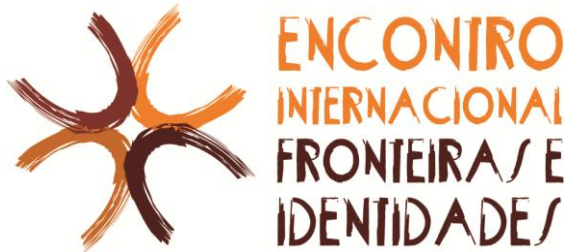
CHIARAMONTE, José Carlos. *Formas de identidad en el Rio de la Plata luego de 1810*. In: Boletín del instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. E. Ravignani”. Tercera serie, num.1, 1º semestre de 1989.

FREGA, Ana. Uruguayos y orientales: itinerario de una síntesis compleja. In: CHIARAMONTE, José Carlos. GRANADOS, Aimer. MARICHAL, Carlos. (compiladores). *Crear la nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: sudamericana, 2008.

GONZÁLEZ , Wilson Demuro. *Prensa periódica y circulación de ideas en la Provincia Oriental, entre el final de la dominación española y la independencia (1814-1825)*. Tesis en Maestría en Historia rioplatense. Universidad de la República, FHCE: Montevideo, 2013.

---

<sup>19</sup>*Pacífico Oriental de Montevidéo*. Montevidéo, nº25, 07 de junho de 1821.



ISLAS, Ariadna. Límites para un Estado. Notas controversiales sobre las lecturas nacionalistas de la Convención Preliminar de Paz de 1828. In: FREGA, Ana (coordinadora). *Historia Regional e Independencia del Uruguay. Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

JANCSÓ, I. e PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico , (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

PALERMO, Eduardo. *Tierra Esclavizada. El Norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19*. Dissertação de mestrado. UPF, Passo Fundo, 2008.

PIMENTA, João Paulo. O Brasil e a "experiência cisplatina" (1817-1828). In: István Jancsó. (Org.). *Independência. História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2007.

PIMENTA, João Paulo. Nas origens da imprensa luso-brasileira: o periodismo da Província Cisplatina (1821-1822). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das, MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone (org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP & A: FAPERJ, 2006.

PINTOS, Aníbal Barrios. Historias privadas de la esclavitud: un proceso criminal en tiempo de la Cisplatina. In: BARRÁN, José Pedro. CAETANO, Gerardo. PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en el Uruguay. Entre la honra y el desorden 1780-1870*. Montevideu: Taurus, 1996.

PRADO, Fabrício. A presença luso-brasileira no Rio da Prata e o período cisplatino. In: NEUMANN, Eduardo Santos. GRIJÓ, Luiz Alberto. *O Continente em armas. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009*.

SEBASTIÁN, Javier Fernández. Conceptos y metáforas en la política moderna. Algunas propuestas para una nueva historia político-intelectual. *Historia cultural de la política contemporánea*, Jordi Canal y Javier Moreno Luzón, eds., Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.

WINTER, Murillo Dias. “*un periódico que no hable de política al presente, es lo mismo que un fusil sin cañon.*”: *Imprensa periódica e a construção da identidade Oriental (Província Cisplatina - 1821-1828)*. Dissertação de mestrado em História. Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2014.